

HOMENAGEM A LAURA PADILHA

LAURA PADILHA: ENTRE VOZ E LETRA, UM NOME PARA NÃO SE ESQUECER...

LAURA PADILHA: BETWEEN VOICE AND LETTER, A NAME NOT TO FORGET...

CARMEN LUCIA TINDÓ SECCO¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-6649-2971>

carmen.tindo@gmail.com

Laura Cavalcante Padilha não é apenas um nome a ser lembrado. É uma voz de muitos saberes nunca a ser olvidada, uma vez ser sempre citada em livros, artigos, dissertações e teses das Literaturas Africanas.

Professora emérita da Universidade Federal Fluminense – UFF, Laura exerceu cargos importantes: Diretora da Editora da UFF (EdUFF); membro da Comissão Editorial da EdUFF; Diretora do Instituto de Letras da UFF; subcoordenadora da Pós-Graduação em Letras da UFF; Pesquisadora 1 A do CNPQ; membro do Comitê do CNPQ na área de Letras; pesquisadora Associada do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, entre outros cargos e funções. Sua produção acadêmica é imensa.

A docente graduou-se em Letras Neo-Latinas pela Universidade do Brasil (1959); concluiu o mestrado em Letras na Universidade Federal Fluminense (1978); o doutorado em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988) e o pós-doutorado na Universidade de São Paulo (2006), igualmente na área de Letras e na subárea de Literaturas Africanas de Língua Oficial Portuguesa. Foi consultora *ad-hoc* de vários órgãos de fomento à pesquisa, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro; foi representante da área de Letras na Capes e no CNPQ. Também presidiu, de 1998 a 2000, a Associação

¹ Professora Titular aposentada de Literaturas Africanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora do CNPQ e da Faperj.

Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Embora aposentada em 2007, durante dez anos continuou a atuar na Pós-Graduação em Letras da UFF. Internacionalmente reconhecida, foi-lhe outorgada, em 2011, a Cátedra Professor Carlos Lloyd Braga, na Universidade do Minho, em Braga. Integra o Conselho Editorial de várias revistas brasileiras e estrangeiras, como a *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Universidade de Coimbra); *Veredas* (Associação Internacional de Lusitanistas); *Metamorfozes* (UFRJ), *Mulemba* (Setor de Literaturas Africanas da UFRJ) etc., além de ter sido uma das editoras da revista *Abril* (UFF). É autora de vários livros, entre os quais: *O espaço do desejo: uma leitura de A ilustre casa de Ramires de Eça de Queiroz* (EdUFF/EdUNB, 1989); *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX* (Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Pallas, 1995/2007), obra que, originalmente, foi sua tese de Doutorado na UFRJ e recebeu o prêmio-ensaio “Mário de Andrade” da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1995; *Novos pactos, outras ficções* (2002), livro também editado em Portugal pela Editora Novo Imbondeiro, no mesmo ano da edição brasileira. Laura organizou, igualmente, uma série de coletâneas de ensaios com pesquisadores da área: *A poesia e a vida* (Lisboa, 2006) e *A mulher em África* (Lisboa, 2007) com Inocência Mata; *Bordejando a margem* (Luanda, 2007), com vários alunos de Iniciação Científica da UFF; *Lendo Angola*, com Margarida Calafate Ribeiro (Porto, 2008); *De guerras e violências: palavra, corpo, imagem*, com Renata Flavia da Silva (EdUFF, 2011), entre outras.

Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX é um livro de leitura obrigatória para quem cursa a Graduação em Letras, principalmente para quem atua com as Literaturas Africanas. Laura Padilha, conhecida como “fiandeira da voz e das letras”, organizou e participou de muitos congressos e eventos, tanto no Brasil como no exterior. É referência nacional e internacional, mencionada por inúmeros pesquisadores dentro e fora do país. Além disso, orientou muitas teses de Doutorado e dissertações de Mestrado, cujos autores, seus ex-orientandos, fazem parte, atualmente, dos corpos docentes de diversas universidades brasileiras. Supervisionou também muitos estágios de Pós-Doutorado, entre os quais o da Professora Leda Martins da UFMG, autora do livro *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela* (2021), cuja dedicatória é a seguinte: “Em homenagem à Laura Cavalcante Padilha, *nzila* de África em nossas cercanias”. As palavras de Leda expressam bem o que Laura foi e é para todos das Literaturas Africanas: *nzila*, cujo significado em kimbundo é caminho, rumo, abertura de trilhas e horizontes.

Outros pesquisadores e autores também devotaram suas pesquisas à Laura. Entre muitos, lembro aqui o escritor e poeta angolano João Melo, que acabou de publicar *Será este livro um romance?* (2022), livro dedicado a ela. Eu, também, ofertei-lhe o meu *A magia das letras africanas* (2021), em reconhecimento por todas as lições recebidas, entre as quais, a da definição, no livro *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, do entrelugar das Literaturas Africanas: “o da confluência sígnica, onde se dá o encontro da magia da voz com a artesanaria da letra” (PADILHA, 1995, p. 14).

Grande estudiosa de escritores de Angola, como Pepetela, Luandino Vieira, Boaventura Cardoso, Manuel Rui, Uanhenga Xitu, Jofre Rocha, Ruy Duarte de Carvalho, Paula Tavares, entre vários outros, Laura também se debruçou sobre a produção literária de Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, abordando, com olhar crítico, o colonialismo português tão questionado pelos autores estudados.

Outro viés recorrentemente abordado pela pesquisadora foi a oralidade ressignificada por obras das Literaturas Africanas que reinventam tradições locais, buscando a afirmação das identidades apagadas pela colonização portuguesa. Analisando obras de autores africanos que trabalharam a linguagem “em diferença”, como Luandino Vieira, Manuel Rui, Boaventura Cardoso, Mia Couto, Ruy Duarte de Carvalho e muitos outros, a estudiosa demonstrou como vários desses escritores repensaram, crítica e esteticamente, as tradições orais, os *missosos*, os provérbios, como formas de gritar a alteridade. Para esse grito ser ouvido, chamou atenção, em seu livro *Entre voz e letra*, para a presença de narradores-griots capazes de “gestualizar o texto, griotizá-lo” (PADILHA, 1995, p. 9), isto é, tornar os textos oralizados e oralizantes. Ressaltou, igualmente, a necessidade constante de uma interpretação criativa, ou seja, de “uma compreensão criadora que faz o leitor interagir, dialogar com o texto” (PADILHA, 1995, p. 2), levando-o a participar do gozo estético, do jogo lúdico da linguagem. Quando o livro *Luuanda*, de Luandino Vieira completou 40 anos, escreveu um belo ensaio, publicado na Revista da Abralic, v. 8, n. 9, 2006, iniciado assim:

Ler *Luuanda*, para mim, significa realizar um exercício de prazer e gozo. Sempre que retomo esta obra de José Luandino Vieira, não posso conter uma espécie de assalto interior pleno de emoção e arrebatamento. Por outro lado, meu imaginário leitor acaba, também sempre, por entrecruzar Luandino e Barthes, dois autores que, a meu ver, sabem, como poucos, organizar linguisticamente a festa de prazer do texto. (PADILHA, 2006, p. 307)

Uma das principais ideias e ações de Laura Padilha, durante sua longa trajetória como docente e pesquisadora, foi o incentivo aos estudos das letras africanas em âmbito restrito e em comparação com outras literaturas, tanto que participou de muitos congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada – Abralic. Para Laura, “a leitura intertextual é um caminho plural que facilita um olhar descolonizador” (PADILHA, 1995, p. 14).

Padilha também inaugurou o estudo de alguns conceitos importantes da Teoria Literária, entre os quais, margem, cânone, mulher, trazendo-os para suas análises das obras das Literaturas Africanas. Segundo ela, muito da inovação do universo crítico acerca das Literaturas Africanas se deve ao Brasil, pois diversos professores brasileiros, entre os quais, Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdala Júnior, ela e outros, foram convidados para cursos fora do país, tendo suas conferências, palestras, aulas e textos sido eternizados em edições de livros, jornais e revistas internacionais.

Em uma entrevista, Laura Padilha atribuiu o pioneirismo dos estudos africanos no Brasil aos professores Fernando Mourão, Aparecida Santilli e Benjamin Abdala Júnior, com quem disse ter aprendido muito sobre África. Ressaltou, ainda, a importância da professora Rita Chaves, que, tendo recomendado a ela a leitura de vários livros angolanos, desempenhou papel fundamental em sua imersão na área das Literaturas Africanas, fazendo-a compreender sua descendência negra de origem paterna e levando-a a reencontrar, assim, suas raízes africanas.

Oralidade e ancestralidade foram alvo de interesse por parte da Profa. Laura, em cujos ensaios afirmou que as tradições circulavam pelas vozes dos mais velhos e passaram a ser incorporadas pela escrita, transformando-se em formas de resistência cultural. Estudiosa e amiga de diversos escritores, foi diversas vezes convidada a escrever prefácios e posfácios para as obras deles. Boaventura Cardoso, por exemplo, solicitou-lhe apresentações de vários romances dele, cuja escritura ficcional, impregnada de traços orais recriados, realiza a reinvenção de mitos e lendas de tradições orais angolanas, especialmente em obras como a novela *A morte do velho Kipacaça*, tão bem analisada pela referida professora.

A grande paixão de Padilha pelas letras angolanas foi reconhecida em Angola, onde foi homenageada por diversas instituições, entre as quais: a União dos Escritores Angolanos (UEA); a Academia Angolana de Letras (AAL), para a qual foi convidada como sócia-correspondente no Brasil; a Associação Cultural Chá de Caxinde.

Em outra entrevista, Laura confidenciou: “Em minha primeira viagem a Angola, este país entrou em minha vida e permaneceu para sempre”. Discorreu também sobre memórias de sua infância pobre no Barreto, bairro de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro; falou do papel que seus pais e a avó, chamada por ela “Mãe-Querida”, tiveram em sua vida e em sua educação. Lembrou-se, ainda, com grande carinho, de seu marido Matinho – apelido pelo qual era tratado por familiares e amigos –, esteio para que ela tivesse podido viver bastante entregue à literatura e aos numerosos compromissos acadêmicos. A seguir, mencionou seu encanto pela Literatura Portuguesa, em especial por Eça de Queiroz, a quem se dedicou no Mestrado. Depois, confessou sua imensa paixão pelas Literaturas Africanas e ter-se tornado uma grande estudiosa, principalmente, das letras de Angola.

Em 2009, tive a honra de ter Laura como supervisora de meu Pós-Doutorado, o que me fez não só ampliar minha admiração por ela, mas também minha amizade. Especialista em Pepetela, ela é uma representante do que preconiza a personagem Cágado Velho, cuja voz de saberes acumulados aconselha todos a entretecerem os fios das Literaturas Africanas e da História com a consciência política de se reconhecerem, antes de tudo, humanos, profundamente humanos.

E por pensar acerca da importância do culto à humanidade, várias perguntas me inquietam e me fazem indagar para refletir: por onde andará, em 2022, a professora aposentada Laura Cavalcante Padilha? Fora da cena teatral e remota das *lives*, dos debates literários virtuais, essa grande pesquisadora, mestra e amiga, afastada de todos, se perde em lembranças do passado, em reminiscências não mais ressignificadas? Sua passagem pelas Letras Africanas ficaram, apenas, nas memórias pessoais daqueles que tiveram o privilégio de conviver com ela?

Laura Padilha é um nome para não se esquecer. Continua sendo referência de muitas pesquisas atuais, fazendo parte da história de muitos docentes e alunos. Seus livros são imprescindíveis aos que desejam trilhar e conhecer as Literaturas Africanas. Também os incontáveis ensaios dela ficarão para todos que se aventurarem pelas sendas dos estudos literários africanos, assim como o já referido *Entre voz e letra*, livro premiado em 1995, que marcou a historiografia crítica das Literaturas Africanas no Brasil, em Portugal, em Angola e em outros países.

Em 2002, Laura lançou *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*, cujo prefácio é da Professora Inocência Mata, da Universidade de Lisboa. Os ensaios deste livro versam sobre

vários temas e autores: a ficção angolana pós-1975; conceitos de diferença e de desterritorialização; dobras da escrita; Mia Couto, Helder Macedo, Boaventura Cardoso; corpo africano nas poéticas de Paula Tavares, Alda Espírito Santo. A respeito de *Novos pactos, outras ficções*, merece destaque um fragmento da resenha elaborada por Susanna Ventura, publicada na Revista *Via Atlântica*, n. 8, em dezembro de 2005:

Outra particularidade da ensaísta reside na maneira singular com que trabalha o fenômeno literário em vários âmbitos – tanto na análise dos textos, feita com paixão, sensibilidade e acuidade, como no desvendamento dos aspectos histórico-políticos em que a obra foi concebida, em análises que surpreendem pelas várias angulações adotadas. Como portadora de uma câmera cinematográfica cheia de recursos, a ensaísta ora trabalha em close, ora em grandes planos. (VENTURA, 2005, p. 296)

Outra publicação relevante é *Bordejando a margem: antologia*, cuja publicação, em Luanda, pela Editora Kilombelombe, ocorreu no ano de 2007. Nesta obra, coordenada por Laura Padilha e organizada por ela em parceria com seus alunos da Iniciação Científica da UFF, há uma recolha de poemas, publicados originalmente no *Jornal de Angola* entre 1954-1961, da autoria de Noémia de Sousa, Alda Lara, Alda Espírito Santo, entre outras mulheres africanas. Mulheres que saíram das margens e se apresentaram com dignidade aos leitores. Além dos poemas, há também uma recolha de textos de vários números do *Jornal de Angola* e um posfácio redigido por Padilha, no qual metáforas do corpo e da terra são exploradas em entrecruzamentos simbólicos, presentes em diversas composições poéticas das autoras africanas antologizadas. Na quarta capa de *Bordejando a margem*, são palavras da própria Laura, coordenadora do livro, que sintetizam o trabalho realizado:

Ao elaborarmos uma antologia de mulheres africanas que publicaram em um jornal de um país colonizado, Angola, sob o jugo de uma ditadura, a salazarista, e dar voz a discursos até então postos à margem e silenciados, por não estarem circunscritos ao perfil logocêntrico hegemônico (branco, europeu, masculino), pretendemos trazer à tona a forma de tais mulheres se verem, verem o outro e sentirem. As autoras aqui reunidas são triplamente marginalizadas: por sua condição de mulher, de africana e por terem seus poemas publicados em um jornal angolano, de circulação restrita e fora dos grandes centros, o *Jornal de Angola*. (PADILHA, 2007)

Ao trazer as vozes fortes dessas poetisas, a antologia *Bordejando a margem* se coloca como obra pioneira de defesa do feminino em África. Traduz a força e a coragem de mulheres que, como a Professora Laura, lutaram pela liberdade.

Homenagear Laura Cavalcante Padilha é tecer loas a uma mulher que sempre foi mestra para todos nós, mestra das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e da vida. É jamais deixar esquecidas as produções textuais de escritores africanos em prosa e verso sobre as quais ela escreveu. É saudar os inúmeros ensaios críticos por ela produzidos acerca de obras literárias africanas. É reverenciar a mulher bonita e elegante que ela foi, cujas palestras instigantes e inteligentes, pronunciadas em voz macia e melodiosa, sempre seduziram e encantaram os ouvintes, prendendo-lhes a atenção.

Salve, Laura! Para sempre, Laura Padilha.

Rio de Janeiro, 17 de maio de 2022.

REFERÊNCIAS

- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A poesia e a vida: homenagem à Alda Espírito Santo*. Lisboa: Colibri, 2006.
- MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África*. Lisboa: Colibri, 2007.
- MELO, João. *Será este livro um romance?* Lisboa: Caminho, 2022.
- PADILHA, Laura Cavalcante; FABIANI, Alex; SILVA, Luciane Alves da; MELONI, Otavio Henrique; BARROS, Pedrina (Orgs.). *Bordejando a margem. Poesia escrita por mulheres. Uma recolha do Jornal de Angola (1954-1961)*. Luanda: Kilombelombe, 2007.
- PADILHA, Laura Cavalcante; SILVA, Renata Flavia da (Orgs.). *De guerras e violências: palavra, corpo, imagem*. Niterói: EdUFF, 2011.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EdUFF, 1995.

PADILHA, Laura Cavalcante; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.). *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Luuanda, 40 anos: a força das palavras mais velhas*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 8, n. 9, p. 307-322, 2006.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas: Angola e Moçambique – ensaios*. São Paulo: Kapulana, 2021.

VENTURA, Susanna Ramos. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*, de Laura Cavalcante Padilha. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 293-296, dez. 2005.